

O símbolo, o sinal e o rito na Liturgia da Igreja

A celebração da Liturgia é composta por símbolos, sinais e ritos «*que se referem à Criação (luz, água, fogo), à vida humana (lavar, ungir, partir o pão) e à história da salvação (ritos da Páscoa). Inseridos no mundo da fé e assumidos pela força do Espírito Santo, estes elementos cósmicos, estes ritos humanos, estes gestos que recordam as grandes obras de Deus, tornam-se portadores da ação salvadora e santificadora de Cristo*»¹. O significado destes símbolos, sinais e ritos baseia-se na obra da Criação e na cultura dos homens.

Cristo, “imagem de Deus”, ao identificar-se com os homens, assume a natureza humana e partilha a vida dos homens, faz de cada um seu sinal privilegiado. É que «*na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente*»².

1. O Símbolo

A par da linguagem das palavras como meio de comunicação a liturgia conhece também uma língua sem palavras, a linguagem dos símbolos, que assinalam uma determinada realidade.

A palavra grega *sumbolon* originariamente significa as duas metades de um objeto partido (anel, bengala, mesa...), que eram unidos e serviam assim para reconhecer que o portador de uma metade do objecto era o mensageiro ou partner de um contrato. *Symballein* significa literalmente “justapor duas partes”, e possui uma nuance importante: mais do que pôr juntamente significa repor a unidade. O símbolo, na realidade, não cria a unidade mas restabelece-a.

¹ *Catecismo da Igreja Católica* 1189.

² *Gaudium et Spes* 22.

O campo semântico do termo símbolo estendeu-se a todos os elementos (objeto, palavra, gesto, pessoa...), quando permutado no seio de um grupo. Como qualquer grupo, a Igreja identifica-se através dos seus símbolos, a começar pelo formulário da confissão da fé, chamado “símbolo apostólico”, o Credo. Os elementos da natureza tornam-se também mediadores da identidade cristã, como: o pão e o vinho da Eucaristia; a água do Batismo; o círio pascal; a luz; o fogo; o óleo; o incenso. Também os objetos criados pelo homem, como: o altar; a cruz; o ícone; o ambão.

2. O Sinal

O núcleo de toda a simbólica litúrgica é constituído pelos sacramentos propriamente ditos. A teologia clássica define os sacramentos como sinais eficazes da graça que realizam aquilo que significam. Por este motivo, alguns autores preferem falar de sinais litúrgicos. A própria *Sacrosanctum Concilium*, quando descreve a liturgia, fala de sinais sensíveis e visíveis³, que significam e, cada qual a seu modo, realizam a santificação dos homens.

O sinal, de *per se*, tende para uma realidade externa a si mesmo. O fumo indica a existência do fogo, o semáforo verde indica que o caminho está livre. S. Agostinho, ao expor a teoria geral do sinal, sublinha o seu valor instrumental de conhecimento: «o sinal é, portanto, toda a coisa que, além da impressão que produz nos nossos sentidos, faz com que nos venha ao pensamento outra ideia distinta»⁴.

3. O Rito

Uma forma importante de símbolo religioso é o rito. Este pode definir-se como uma acção simbólica constituída por gestos e palavras

³ Cf. *Sacrosanctum Concilium* 7. 33.

⁴AGOSTINHO, «*De Doctrina Christiana 2,1,1*», *Corpus Christianorum. Series Latina* 32, 32.

com uma estrutura pré-formada e institucionalizada de carácter tradicional, que favorece a participação comum e a repetição. O rito corresponde, por isso, mais à ordem do fazer do que à ordem do dizer, porque não diz simplesmente qualquer coisa, mas faz o que diz

Etimologicamente, “rito” significa ordem, regra. Mas, é difícil definir o rito, porque consiste num conjunto de códigos unidos entre si, que formam uma vivência particular organizada a nível comunitário. Rito é um termo muito genérico com o qual se designam ações humanas e religiosamente significantes na conformidade com módulos fixos tradicionais. Pode, contudo, dizer-se que o rito parece ser uma ação que se repete segundo regras invariáveis, cuja execução não produz efeitos úteis. A repetibilidade é a característica sempre presente em cada rito, que está conforme com a ordem. Mas, o rito aparece sempre o mesmo e nunca é o mesmo.

É importante distinguir na ritualidade cristã aquilo que é constante e constitutivo, muitas vezes ligado ao fundador, daquilo que depende das variações histórico-culturais, nas quais o rito é expresso.

Os elementos constantes do rito são:

- a) as palavras e as coisas: a fórmula sacramental, que sempre denota os elementos materiais, como o pão e o vinho, água e óleo, etc;
- b) o ministro ou presidente da celebração: um ministro ordenado que revela e actualiza o motivo e em nome de quem está ritualmente reunido;
- c) a estrutura celebrativa essencial fundamental: a constante presença da leitura das Escrituras e a proclamação da fé.

Por outro lado, os elementos variáveis do rito são:

- a) as acções gestuais e a linguagem não verbal: as várias posições do corpo (de joelhos, em pé, sentados) e as posições de movimento como as procissões e a dança;
- b) o dispositivo ecológico: distribuição do tempo e do espaço;
- c) os objectos: as vestes (a túnica ou alva, a estola, a casula, a dalmática, o pálio, a capa de asperges e todo o vestuário litúrgico), os objectos funcionais, a decoração da igreja;
- d) os actos de linguagem, como o uso diverso de estilos no ler ou no rezar, o canto, o grito, a aclamação, a música;
- e) os atores que são protagonistas no interior do rito, como os que acolhem, os leitores, o diretor do canto.

Por meio dos ritos e das orações é que se realiza a eficácia simbólico-ritual da ação litúrgica. Os sacramentos têm a sua origem na Páscoa de Cristo. Do mistério pascal, e não do mistério da encarnação enquanto tal, é necessário partir para compreender a sua eficácia simbólica e o seu alcance. Por isso, a Páscoa de Cristo torna-se a Páscoa da Igreja.

A beleza da Liturgia é a arte de rezar com nobre simplicidade nos gestos e orações, na música, no canto, na palavra, no silêncio, nas procissões, na piedade popular, na alegria do coração.

O Papa Francisco ao referir-se aos cinco verbos que caracterizam a Igreja “em saída”, primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar, conclui assim: *«Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre “festejar”: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se*

evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da actividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar»⁵.

+ José Manuel Cordeiro
Bispo de Bragança-Miranda

⁵ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 24.